

## O ÚLTIMO DIA DE UM CONDENADO

### I

*Em Bicêtre.*

Condenado à morte!

Há cinco semanas vivo com esse pensamento, sempre sozinho com ele, sempre gelado por sua presença, sempre curvado sob seu peso!

Outrora, pois me parece que se passaram anos e não semanas, eu era um homem como qualquer outro. Cada dia, cada hora, cada minuto tinha sua ideia. Meu espírito, jovem e rico, estava repleto de fantasias. Divertia-se em desenrolá-las para mim, umas após as outras, sem ordem e sem fim, bordando com inesgotáveis arabescos o rude e frágil tecido da vida. Eram mulheres moças, esplêndidas capas de bispo, batalhas ganhas, teatros cheios de luz e ruído, depois novamente mulheres moças e passeios à noite sob os braços largos dos castanheiros. Era sempre festa na minha imaginação. Eu podia pensar no que queria, era livre.

Agora sou cativo. Meu corpo está agrilhado num cárcere, meu espírito aprisionado numa ideia. Uma horrível, sangrenta, implacável ideia! Não tenho mais senão um pensamento, uma convicção, uma certeza: condenado à morte!

O que quer que eu faça, ele está sempre presente, esse pensamento infernal, como um espectro de chumbo ao meu lado, sozinho e ciumento, expulsando toda distração, face a face comigo, miserável

que sou, e sacudindo-me com suas duas mãos de gelo quando quero desviar a cabeça ou fechar os olhos. Insinua-se em todas as formas nas quais meu espírito gostaria de evitá-lo, mistura-se como um refrão horrível a todas as palavras que me dirigem, cola-se a mim nas grades medonhas do meu cárcere; importuna-me acordado, espia meu sono convulsivo, e reaparece em meus sonhos sob a forma de um cutelo.

Acabo de despertar num sobressalto, perseguido por ele e dizendo a mim mesmo: “Ah! É somente um sonho!”. Pois bem, antes mesmo que meus olhos pesados tenham tido o tempo de entreabrir-se para ver esse fatal pensamento escrito na horrível realidade que me cerca, no piso como que molhado de suor da minha cela, nos raios pálidos da minha lâmpada noturna, na trama grosseira do tecido de minhas roupas, na figura sombria do soldado de guarda cuja cartucheira reluz através da grade do cárcere, parece-me que já uma voz murmurou ao meu ouvido:

– Condenado à morte!

## II

Era uma bela manhã de agosto.

Havia três dias que meu processo começara, três dias que meu nome e meu crime atraíam toda manhã uma nuvem de espectadores, que vinham se abater sobre os bancos da sala de audiências como corvos em volta de um cadáver, três dias que toda aquela fantasmagoria, juízes, testemunhas, advogados, procuradores do rei, passava e tornava a passar diante de mim, ora grotesca, ora sangrenta, sempre sombria e fatal. Nas duas primeiras noites, por inquietude e

terror, não pude dormir; na terceira, dormi de fastio e de cansaço. À meia-noite deixei os jurados deliberando. Trouxeram-me de volta à palha do meu cárcere, e imediatamente caí num sono profundo, num sono de esquecimento. Foram as primeiras horas de repouso depois de muitos dias.

Estava ainda no mais profundo desse sono profundo quando vieram me despertar. Dessa vez não bastaram o passo pesado e as botas ferradas do carcereiro, o tinir do seu molho de chaves, o rangido rouco dos ferrolhos; para me tirar da letargia, foram necessárias sua voz rude ao meu ouvido e sua mão rude em meu braço.

– Levante-se!

Abri os olhos, ergui-me assustado em meu leito. Nesse momento, pela estreita e alta janela da minha cela, vi no teto do corredor vizinho, único céu que me era dado entrever, aquele reflexo amarelo no qual olhos habituados às trevas de uma prisão sabem reconhecer tão bem o sol. Eu amo o sol.

– O dia está bonito – eu disse ao carcereiro.

Ele ficou um momento sem me responder, como se não soubesse se aquilo merecia uma palavra; depois, com algum esforço, murmurou bruscamente:

– É possível.

Continuei imóvel, o espírito meio adormecido, a boca sorridente, os olhos fixos naquela doce reverberação dourada que matizava o teto.

– É um bonito dia – repeti.

– Sim – respondeu-me o homem –, estão à sua espera.

Essas poucas palavras, como o fio que rompe o voo do inseto, me jogaram violentamente de volta à realidade. Tornei a ver de repente, como à luz de um relâmpago, a sala escura do tribunal, a mesa em semicírculo dos juízes coberta de farrapos ensanguentados, as três fileiras de testemunhas de faces estúpidas, os dois guardas nas duas pontas do meu banco, e as togas negras se agitando, e as cabeças da multidão formigando no fundo da sombra, e pousado em mim o olhar fixo dos doze jurados que haviam ficado acordados enquanto eu dormia!

Levantei-me; meus dentes batiam, minhas mãos tremiam sem saber onde encontrar as roupas, minhas pernas estavam fracas. Ao dar o primeiro passo, tropecei como um entregador muito carregado. Mesmo assim segui o carcereiro.

Os dois guardas me esperavam na entrada da cela. Puseram-me as algemas. Havia uma pequena fechadura complicada que eles fecharam com cuidado. Deixei que o fizessem: era uma máquina em cima de outra.

Atravessamos um pátio interno. O ar fresco da manhã me reanimou. Levantei a cabeça. O céu estava azul, e os raios quentes do sol, recortados por longas chaminés, traçavam grandes ângulos de luz na crista dos muros altos e escuros da prisão. De fato, o dia estava bonito.

Subimos uma escada em caracol; passamos um corredor, depois outro, depois um terceiro; enfim uma porta baixa se abriu. Um ar quente, carregado de ruído, veio me bater no rosto; era o bafo da multidão na sala do tribunal. Entrei.

Ao meu aparecimento, houve um rumor de armas e de vozes. Os bancos se deslocaram ruidosamente, as divisórias estalaram; e, enquanto eu atravessava a longa sala entre duas massas de gente muradas de soldados, pareceu-me que eu era o centro ao qual se prendiam os fios que faziam mover todas aquelas faces boquiabertas e inclinadas.

Nesse instante percebi que estava sem algemas; mas não pude lembrar nem onde nem quando elas me foram tiradas.

Fez-se então um grande silêncio. Eu havia chegado ao meu lugar. No momento em que o tumulto cessou na multidão, cessou também em minhas ideias. De súbito compreendi, com clareza, o que até então apenas entrevira confusamente, que o momento decisivo havia chegado e que eu estava ali para ouvir minha sentença.

Explique quem puder: pela maneira como essa ideia me veio, ela não me causou terror. As janelas estavam abertas; o ar e o ruído da cidade chegavam livremente da rua: a sala estava iluminada como para um casamento; os alegres raios do sol traçavam, aqui e ali, a figura luminosa dos caixilhos, ora estendida no soalho, ora cobrindo as mesas, ora rompida no ângulo das paredes; e, dos losangos brilhantes das janelas, cada raio esculpia no ar um grande prisma de poeira dourada.

Os juízes, no fundo da sala, tinham o ar satisfeito, provavelmente a alegria de terem terminado logo. O rosto do juiz-presidente, docemente iluminado pelo reflexo de uma vidraça, tinha algo de bondade e de calma; e um jovem assessor conversava

quase alegremente, passando a mão no peitilho de sua toga, com uma bela dama de chapéu cor-de-rosa, colocada por algum favor atrás dele.

Somente os jurados pareciam pálidos e abatidos, mas aparentemente era de cansaço por terem ficado acordados a noite toda. Alguns bocejavam. Nada, na atitude deles, anunciava homens que vêm comunicar uma sentença de morte; e nos rostos desses bons burgueses eu não adivinhava senão uma grande vontade de dormir.

Perto de mim, uma janela estava completamente aberta. Ouvi risadas das vendedoras de flores na rua; e, numa fenda do peitoril de pedra, uma linda plantinha amarela, penetrada por um raio de sol, brincava com o vento.

Como poderia uma ideia sinistra brotar entre tantas graciosas sensações? Inundado de ar e de sol, eu não podia pensar noutra coisa a não ser na liberdade; a esperança irradiou-se dentro de mim como a luz à minha volta; e, confiante, esperei minha sentença como se espera a libertação e a vida.

Nesse momento meu advogado chegou. Esperavam-no. Acabava de fazer uma copiosa e apetitosa refeição matinal. Chegando ao seu lugar, inclinou-se para mim com um sorriso.

– Tenho esperança – ele me disse.

– Por que não? – respondi, com leveza e sorrindo também.

– Sim, ainda não sei a decisão deles – ele continuou –, mas certamente terão afastado a premeditação, e nesse caso serão apenas trabalhos forçados para o resto da vida.

– Que está dizendo, senhor? – repliquei indignado. – Prefiro cem vezes a morte!

Sim, a morte! – E aliás, repetia-me não sei qual voz interior, o que arrisco ao dizer isso? Alguma vez uma sentença de morte já se pronunciou que não fosse à meia-noite, entre archotes, numa sala sombria, e numa noite fria de chuva e de inverno? Mas, no mês de agosto, às oito horas da manhã, num dia tão bonito, com tão bons jurados, é impossível! E meus olhos voltaram a se fixar na bela flor amarela ao sol.

Então o juiz, que só esperava o advogado, convidou-me a ficar de pé. A tropa apresentou armas; como por um movimento elétrico, toda a assembleia ficou de pé no mesmo instante. Uma figura insignificante e nula, colocada numa mesa abaixo da tribuna dos juízes, o escrivão, penso eu, tomou a palavra e leu o veredicto que os jurados haviam pronunciado em minha ausência. Um suor frio se espalhou nos meus membros; apoiei-me à parede para não cair.

– Advogado, tem algo a dizer sobre a aplicação da pena? – perguntou o juiz.

Eu, sim, teria tudo a dizer, mas nada me ocorreu. Minha língua ficou colada ao palato.

O defensor se levantou.

Compreendi que ele buscava atenuar a decisão do júri e apresentar, em vez da pena que ela provocava, a outra pena, aquela que eu ficara tão ofendido de vê-lo esperar.

A indignação deve ter sido muito forte para se manifestar através das inúmeras emoções que disputavam meu pensamento. Quis repetir em voz alta

o que eu havia dito a ele: Prefiro cem vezes a morte! Mas faltou-me o alento, e pude apenas segurá-lo com força pelo braço, gritando de forma convulsiva: Não!

O procurador-geral rebateu o advogado, e o escutei com uma satisfação estúpida. Depois os juizes saíram, tornaram a entrar, e o juiz-presidente leu minha sentença.

– Condenado à morte! – disse à multidão; e, enquanto me levavam, toda aquela gente se precipitou sobre meus passos com o estrondo de um edifício que desmorona. Eu caminhava, atordoado e estupefato. Uma revolução se produzira dentro de mim. Até a sentença de morte, eu me sentia respirar, palpitar, viver no mesmo meio que os outros homens; agora, distinguia claramente como uma barreira a me separar do mundo. Nada mais me aparecia sob o mesmo aspecto de antes. Aquelas largas janelas luminosas, aquele belo sol, aquele céu puro, aquela linda flor, tudo ficou branco e pálido, da cor de uma mortalha. Os homens, mulheres e crianças que se amontoavam à minha passagem, pareciam fantasmas.

Na base da escada, uma preta e suja viatura gradeada me esperava. No momento de subir nela, olhei por acaso a praça.

– Um condenado à morte! – gritavam os passantes, correndo em direção à viatura. Através da nuvem que parecia ter-se interposto entre mim e as coisas, distingi duas mocinhas que me seguiam com olhos ávidos.

– Muito bem, disse a mais nova batendo palmas, será daqui a seis semanas!